A VOZ DO POVO

ORGAM DE IDÉAS REPUBLICANAS

REDACÇÃO DE DIVERSOS

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

ANNO I. SANTA CATHARINA—DESTERRO—DOMINGO 2 DE AGOSTO DE 1885 NUMERO 10

Expediente

Por emquanto publica-se este jornal aos domingos.

ASSIGNATURAS

CAPITAL

Semestre. . . . . 3$000

PELO CORREIO

Semestre. . . . . 4$000

Numero avulso 40 réis.

Pagamento adiantado.

Os autographos que nos forem enviados não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados.

Qualquer publicação, não sendo contraria ás idéas deste jornal, será feita por preço muito favoravel.

E' impresso este jornal na typographia de J. J. Lopes, á rua da Trindade n. 2, onde se darão quaesquer informações.

A VOZ DO POVO

Desterro, 2 de Agosto de 1885.

Sem idéas não póde haver politica, sem politica não póde haver governo.

Por isso ha necessidade de partidos que concretisem determinadas idéas para que possam estabelecer uma norma de governo.

Sem esta norma o governo será o acaso, estará sujeito, sómente, á variabilidade de vontades individuaes.

E o producto dessas vontades isoladas não póde deixar de ser o imprevisto, e, conseguintemente, o absurdo.

Com tal systema, como póde haver delegação? Como o povo póde indicar com seus suffragios este ou aquelle individuo para assumir a governança, se esse individuo não tem uma norma, não se acha submettido a um programma conhecido?

De todos estes inconvenientes é que surge a necessidade de idéas que constituam uma politica, d'uma politica que determine um systema de governo, de partidos que systematisem idéas e concretisem-n'as em actos.

Apparecidos os partidos, é, pois, sua missão—estabelecerem uma norma para execução de suas theorias, e governarem de accôrdo com essa norma.

Para isso, porém, é preciso que elles não sejam platonicos, utopistas; é necessario que a theoria que apresentam decorra logicamente das necessidades sociaes do povo sobre que devem influir.

Cumprem sua missão os partidos constitucionaes brazileiros?

Não, póde responder-se sem temor de contrariedade.

Levados por lutas pessoaes, por interesses, ás vezes, inconfessaveis, esses partidos não estão na altura de seu fim, não preenchem a benefica missão de que estão a cargo.

O mais adiantado desses teve outr'ora um programma, bateu-se até, galhardamente, durante dez annos de ostracismo; mas, chegado ao governo, eil-o negação completa dos principios que pregára quando na opposição, e contrariando a opinião publica como tem feito com diversos gabinetes.

O outro partido—o conservador—nem ao menos programma tem; ha sete annos que se acha derribado do poder e, estando as condições do paiz completamente modificadas, não apresentou, si quer, uma idéa para quando se ache na posse das redeas do governo.

Não nos parece que sejam estes males devidos ao pessoal componente dos dois partidos; até crêmos que este pessoal é em sua maioria distincto, cheio de boas qualidades, desejoso de servir ao seu paiz. Mas é que a indole desses partidos, sua educação, não permittem-lhes ser influenciados pelas bôas idéas de seu pessoal.

Assim é que não raramente vê-se individuos, excellentes pais de familia, cumpridores de seus deveres como particulares, no entanto, capazes das maiores tropelias como partidarios.

E' isto a mais evidente prova da perniciosa influencia que exerce sobre os partidos constitucionaes a educação fornecida por nosso systema de governo.

E', pois, mais que legitima a creação do partido republicano.

Retirado do meio que tão má influencia exerce sobre os dois partidos monarchicos, sem relações com as instituições que tem feito degenerar a missão destes, o partido republicano póde cuidar dos interesses do paiz livre do influxo máo que sobre os outros tem o governo.

Não tendo responsabilidade neste, não cumprindo-lhe elevar actos que julgue máos,

---

10

FOLHETIM

ALFREDO DE SARMENTO

Á SÉSTA

(CONTOS)

AS MÁS LINGUAS

II

— Socegue, Maria, a sua innocencia ha de em breve apparecer radiante e pura, apezar da affronta com que pretenderam manchal-a. Tenha fé e esperança, e Deus ha de permittir que eu complete favoravelmente a obra que vou encetar.

III

São passados dois mezes depois dos acontecimentos que tiveram logar em casa do mestre Raymundo.

Este, succumbindo ao peso do desgosto que o ferira, envelhecêra de dez annos, naquelle tão curto espaço de tempo. Maria, a rapariga gentil e louçã, que vimos tão feliz tão descuidada do vendaval que devia destruir toda a sua ventura, vamos encontral-a agora, pallida, abatida, com o rosto marcado pelos sulcos profundos das lagrimas vertidas no silencio doloroso das suas noites de insomnia. Que viver o da misera creatura! O pae, dominado pela idéa fixa que o preoccupava, se não affrouxára no amor, e na adoração que tributava á filha extremosa, tornára-se, todavia, reservado, taciturno, e sombrio.

Ella, entregue apenas ao desespero, sem forças para riscar do coração a imagem querida que nelle tinha gravada, adorando-a sempre, porque, do intimo d'alma, acreditava innocente o homem a quem déra o seu amor e a sua vida, buscava nas lagrimas, e no isolamento, refugio e lenitivo para os pezares que lhe minavam a existencia.

Alberto vinha regularmente visitar os seus desditosos amigos, e dar-lhes contas das tentativas infructiferas que fizera para descobrir o logar onde se escondia o causador de tantos infortunios.

Dirigira-se em primeiro logar, o moço brazileiro á fabrica onde Jeronymo trbalhava, mas o serralheiro havia-se despedido dois mezes antes, e não lhe souberam dizer onde parava.

Alberto, porém, não desanimára, e proseguia em investigações, sem, todavia, colher melhores resultados.

Nós, porém, usando dos fóros do narrador, vamos dizer ao leitor o que fôra feito do Jeronymo.

Como vimos, saira elle da loja do mestre Ignacio correndo como um louco, e fôra dar ao Terreiro do Paço. Mais por instincto do que por vontade, entrou para o vapor, e achou-se em Cacilhas, antes que tivesse tempo de pensar um só momento no que acabára de presencear.

De Cacilhas á fabrica era pequena a distancia; Jeronymo, cedendo ao habito, tomára aquella direcção, e nessa noite, impellido por um forte desejo de desabafar com alguem as magoas que o acabrunhavam, confiára os seus pezares e tudo quanto naquelle dia lhe acontecêra, a um seu camarada, official do mesmo officio.

Não podia ser peior a escolha.

Aquelle homem, leviano para os males alheios, dominado pela influencia do momento, aconselhára-lhe que escrevesse a carta que vimos ser entregue a Raymundo, sem cuidar primeiro de lhe socegar o espirito, procurando convencel-o de que talvez não houvesse realmente crime, nas apparencias condemnatorias que presenceára.

A noite, porém, trouxe melhor conselho áquelle espirito attribulado, e Jeronymo principiou a ter remorsos da acção que praticára, sem primeiro certificar-se da traição da mulher que era para elle a estrella do seu norte, a vida da sua vida.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

nem deprimir outros que entenda bons, o partido da democracia póde manter-se sempre independente e apontar ao paiz aquillo, tão sómente, que julgue util, proveitoso.

Mas para que o partido republicano esteja na altura de sua missão, para que exerça sua benefica influencia sobre o povo, é necessario que não desvie-se do caminho que a logica, a moral e a conveniencia publica impoem-lhe.

E' necessario para que o partido republicano esteja no seu papel, para que não seja uma cópia dos partidos monarchicos, apenas com rotulo diverso, que seus membros convençam-se —que é tão sómente da perfeita cohesão de idéas, da conformidade completa de principios que póde surgir o poder de um partido.

E' preciso que os republicanos convençam-se que no seio dos partidos devem estar abafados os mesquinhos egoismos pessoaes, e que —é missão do bom, do desinteressado partidario—alienar sua individualidade para cuidar dos interesses do seu partido.

E' preciso que os republicanos tenham só em vista os interesses da Patria e façam definhar as ambições pessoaes que porventura appareçam.

E', pois, preciso antes de tudo para o nascente partido republicano—uma bôa e forte disciplina.

Sem esta, logo nos seus primeiros passos, terá pela frente o esboroamento, a ruina.

Para ser, pois, patriota, bom republicano, conseguintemente, o individuo não póde ser mais que um executor da vontade da maioria, a que deve em todos os casos submetter-se.

E não se diga ser isso um escravisamento, pois que essa maioria é obtida pela vontade collectiva de que faz parte o individuo.

Só assim procedendo, é que os republicanos poderão aspirar a conquista do poder para felicitar a Nação.

Só com taes meios é que os partidarios do regimen da liberdade conseguirão —politica com idéas, governo com programmas.

O actual systema de governo

Quando asseverámos mais de uma vez que os homens de estado no Brazil tresloucam no momento em que praticam seus actos e não tem firmeza de principios nem de idéas, os que adoptam a monarchia taxáram-nos de loucos e especuladores !...

Mas para desmentil-os e convencermos a elles proprios da veracidade de nossas asserções, registrámos e continuamos a registrar factos inglorios infelizmente, que todos estamos testemunhando e que nos justificam !

Assim, não podem negar que é odioso, retrogrado, detestavel e degradante o systema politico adoptado pela maioria do povo no Brazil; nem que é menos degradante a corrupção dos homens que o exhibem, ora revelando hoje o desejo de pôrem em pratica uma idéa util e grandiosa, ora declarando-se amanhã contrarios a ella, para exibirem uma outra peior, movidos pelo espirito das paixões partidarias ou pelas da conveniencia pessoal. Que deduzir d'ahi ?

Que não ha homens, mas factores; que não ha principios, mas conveniencias condemnaveis; que não ha idéas firmes nos nossos estadistas, porque elles, faltos de senso, de criterio e de habilitações, não comprehendem theorica nem praticamente a responsabilidade que lhes cabe como directores dos publicos negocios nem a importancia dos difficultosos e pesados encargos de que se encarregam.

Da mesma fórma e pelos mesmos motivos não temos homens na representação nacional, com algumas honrosas excepções, que não sejam subornados ás vontades dos ministros, assim como estes o são á do monarcha, ainda mesmo em assumptos de sua exclusiva deliberação e responsabilidade.

D'ahi, o descredito para o paiz, o abatimento social, a descrença e degeneração dos povos e o atrazo do commercio, da lavoura e da industria !

E' uma lastima ou... simplesmente uma degradação !...

—

Para prova destas verdades vejamos o que significam as palavras do nosso illustrado collega da *Gazeta da Tarde* de 2 do mez proximo findo, tratando da questão da E. de F. Pedro I e referindo-se ao ministro da agricultura:

« E' ministro da agricultura apenas por ser um dos deputados de reeleição facil. Não conhece absolutamente da pasta, que está incumbido de carregar. Assignou a dissolução da commissão como assignaria uma outra cousa qualquer que lhe fosse apresentada pelos zangões da secretaria. »

Admire-se isto e pense-se !...

E tambem para provarmos que não erramos quando atacamos o governo e o Sr. Firmo de Mello sobre o seu procedimento relativo á construcção dessa estrada, publicamos um officio que este dirigiu ao engenheiro S. R. Braga, transcripto do mesmo jornal:

« Estou convencido de que a estrada de ferro D. Pedro I, se partir de um porto da provincia de Santa Catharina, qualquer que elle seja, e fôr construida entre a Serra Geral e o Oceano, ha de ser, como hei de provar, um desastre, quer para o nosso paiz, quer para a companhia de que é V. S. digno representante; podendo sómente ser util aos empreiteiros da construcção e aos seus agentes e adherentes; e por isso entendo ser de grande conveniencia para ambas as partes contractantes a rescisão completa do contracto. »

Que conclusão devemos tirar do conteúdo desse officio ?

Que o ministro da agricultura nomeou o Sr. Firmino de Mello para exclusivamente dar parecer contra a estrada e ter o governo um pretexto para rescindir o contracto com a companhia, ou então que o Sr. Firmo de Mello, mal intencionado para com a provincia de Santa Catharina, por qualquer despeito ou para satisfazer pedidos occultos, tornou-se o juiz absoluto dessa causa de que o paiz inteiro esperava uma sentença favoravel.

E, segundo nos parece, essa sentença, que infallivelmente será condemnatoria, não admitte o apello nem o aggravo do povo catharinense para a secretaria da agricultura !...

Pudéra ! Em taes casos e circumstancias de nada vale o apello do povo !...

Dia virá, porém, em que a sua vontade ha de ser soberanamente respeitada.

—

Outro facto ainda vamos registrar, que assaz prova o que avançámos.

Quando o conselheiro Saraiva, actual chefe do gabinete governamental, apresentou á camara o projecto sobre o elemento servil, declarou terminante e positivamente que não fazia questão de qualquer ponto de seus artigos ou paragraphos: declarou-o — questão aberta — e disse: *voto livre !* Isto importa dizer, como elle disse logo em seguida, — *que não fazia questão por qualquer alteração ou modificação no acto de descutil-o e votal-o.*

E que fez mais tarde o Sr. Saraiva ?

Fez questão do imposto de 5 °/₀, allegando que seria applicado á indemnisação dos proprietarios de escravos; desistiu mais tarde desta pretenção e, de accôrdo com os conservadores, adversarios politicos, resolveu que os 5 °/₀ fossem — parte applicados a auxilios á colonisação e parte á indemnisação da escravidão.

Que coherencia politica !!

E' isto firmeza de idéas, de principios ?

Póde este procedimento ter o applauso da Nação ? Póde chamar-se a isto systema de governar ? Não será um tresloucamento, falta de senso e de criterio ?

Estudem-se estes acontecimentos.

—

Já que estamos a registrar factos e a exhibir as provas em que nos baseamos para censural-os, justificando a verdade com que os expomos, seja-nos permittido aproveitar o ensejo para descriminar dentre tantos alguns abusos dos que se tornam mais salientes, praticados pela actual situação politica.

Vejamol-os.

A exposição do café em S. Petersburgo custou-nos cento e tantos contos de réis, despendidos clandestinamente pelo governo, sem autorisação do parlamento !... *O poder é o poder*, segundo o pensar do Sr. Silveira Martins, e portanto elle, o poder, vai fazendo tudo que quer...

Malditas verbas secretas.....

. . . . . .

. . . . . .

A questão da immigração continúa no mesmo, sem o menor auxilio do governo. No que justamente se deviam fazer dispendios para delles resultarem proveitos multiplos, povoando-se e cultivando-se o paiz, é no que não se fazem absolutamente nenhuns !

E' que os homens d'estado são os proprios que se encarregam de provar ao povo o seu *bom* senso e as suas *admiraveis* aptidões...

. . . . . .

. . . . . .

Subvencionam-se avultadamente companhias de navegação a vapor, quando ha outras, concorrentes, que se sustentam e auferem bons lucros, sem esses auxilios do governo...

—

E' para proteger amigos e afilhados....

Emfim, se fossemos a enumerar os abusos, os actos inconscientes e condemnaveis, os dispendios enormes que se fazem em pura perda para o paiz, as incoherencias politicas, os prejuizos que se originam das *verbas secretas*, as irreflexões dos homens que constituem o governo, a falta de principios, o menospreso em que se tem o paiz, os motivos da inconveniencia do actual systema de governar a Nação e a falta de firmeza de idéas, não teriamos tempo sufficiente para isso e tornar-nos-hiamos fastidiosos.

Para que evitemos esse desfastio e consigamos demonstrar convincentemente de que esses abusos são a consequencia do actual systema politico, limitamo-nos ao exordio que estamos fazendo, convictos de que elle será bastante para elucidar convenientemente o povo.

Reflicta este, por tanto sobre esses assumptos, e, depois de meditar sériamente, concluirá que temos razão de sobra para tentarmos conseguir um outro systema de governo, — que deve ser o republicano — que venha salvar o paiz da quéda perigosissima a que o condemnaram os homens que constituem os poderes monarchicos.

NOTICIARIO

H. GALE OU O TABOLEIRO

Do distincto engenheiro o Sr. H. Gale recebemos a carta abaixo transcripta, que com a maior satisfação lhe damos publicidade:

« Sr. redactor da *Voz do Povo*. — Desterro — Santa Catharina. — Li n'*O Paiz* de hontem um extracto de seu jornal de 5 do corrente relativo á questão do Taboleiro de Santa Catharina e no qual se suppõe ter eu declarado *publicamente, que mediante a*

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

quantia de duzentos contos compromettia-me a desobstruil-o (o taboleiro) *até a profundidade de 28 a 30 pés.*

« Tendo havido evidentemente engano por parte do seu informante, e podendo uma tal informação menos exacta induzir em erro aos que esperam vêr removido esse Taboleiro, rogo a V. o obsequio de inserir em sua conceituada folha a declaração que ora faço, de não ter avançado as asserções que me são attribuidas no mencionado extracto de seu jornal.

« Sou com a maior consideração e estima, etc. — *Henry Gale.* — Rio de Janeiro, 24 de Julho de 1883. »

Logo que chegou ás nossas mãos a carta supra, mostramol-a, para novamente informar-nos, á pessoa que anteriormente nos forneceu bases para elaborarmos o artigo que publicámos na nossa folha n. 6 de 5 de Julho p. p., sob a epygraphe *O Taboleiro.*

Essa pessoa, depois de ler a carta referida disse-nos que das conversações que teve com outras pessoas e o Sr. H. Gale, em 1881, relativas á desobstrucção do taboleiro, lhe pareceu que este delicado e attencioso cavalheiro disséra que mediante duzentos contos comprometttia-se a fazer essa desobstrucção; mas que tendo tido lugar essa conversação ha tanto tempo, é muito provavel que houvesse equivoco na informação que anteriormente nos forneceu; na certeza, porém, de que se não foi orçada em duzentos contos a desobstrucção do taboleiro, por esse habil engenheiro, foi em duzentas mil libras sterlinas, e que nessa confusão é que consiste o equivoco.

Ora, neste caso, nenhum abalo fará sentir a esta redacção o equivoco do nosso informante; ao contrario, elle veiu em nosso auxilio, porquanto:

Quando dissémos em nossa citada folha n. 6 que o distincto engenheiro H. Gale, chefe da E. F. Thereza Christina, comprometttia-se a desobstruir o taboleiro, mediante duzentos contos, baseámo-nos nas informações que nos foram ministradas por um cavalheiro de nossa inteira confiança, de elevada posição social, de muito bom senso e aliás bem considerado, e tivemos em vista demonstrar ao governo geral a inconveniencia de desobstruir-se o taboleiro por meio de uma empreza autorisada e subvencionada, pelo motivo de absorver ella uma somma enormissima que o estado não deve dispender na actual epocha financeira.

E o nosso principal intuito foi demonstrar tambem ao governo a conveniencia urgente dessa desobstrucção sem o sacrificio e onus para o estado que muitos se persuadem, desde que o governo decrete a realisação dessa obra por meio do pessoal de dois ou tres de nossos navios de guerra, com o emprego de dragas de que já dispomos, que, se não nos enganamos, estão no Rio Grande do Sul.

Por tanto, a carta a que nos referimos e damos publicidade em nada tambem abala o conceito que gozamos por bondade do publico sensato: — ella só prova contra nós que fomos um tanto faceis, baseando-nos em informações de que não tivemos pleno conhecimento.

Felizmente tomámos uma lição que, além de nos servir de exemplo, veio justificar as intenções puras com que discutimos a questão da desobstrucção do taboleiro.

E. F. THEREZA CHRISTINA

Pelo Illm. Sr. R. J. Reidy, illustrado e digno vice-consul de S. M. Britannica, fomos informados de que a companhia da exploração das minas de carvão levantou um capital de £ 30,000 para principiar os trabalhos.

A companhia foi organisada em Londres e lá mesmo levantou aquelle capital.

O material está comprado e já em viagem para esta provincia. O pessoal mineiro, em grande numero, tambem já embarcou em Londres com destino a esta, com escala pelo Rio de Janeiro.

Do pessoal encarregado da mineração já chegaram pelo vapor *Rio de Janeiro*, entrado a 28 do passado, dois engenheiros.

No mesmo vapor vieram os Srs. David Iysak, gerente da companhia, e o Sr. Cecil A. Grenfell, filho de um dos mais abastados capitalistas de Londres. O Sr. Grenfell veio ao Brazil com o unico fim de visitar o sul desta provincia, nas proximidades da zona das minas de carvão, no Tubarão, para conhecer a qualidade das terras e outras fontes de riqueza que lá se possam descobrir, no intuito de empregar nellas avultados capitaes de que elle e seu pae dispõem.

Seguiram a 29 de p. p. no vapor *Humaytá* para a Laguna e de lá para o Tubarão.

Que chegassem com feliz viagem, é o que lhes desejamos.

Depois que nos chegarem ás mãos umas informações por escripto, que pedimos a um distincto engenheiro, trataremos circumstanciadamente do porto que deve ter a *Thereza Christina.* Talvez que já no proximo numero nos occupemos desse assumpto.

ASSEMBLÉA PROVINCIAL

Venha ou não o Sr. Farrapo, estamos convencidos que tem lugar a abertura da assembléa provincial,

Estamos, pois, n'uma epocha evolutiva. Venham as reformas: mas a assembléa provincial fará reformas ?...

Dellas precisamos, mormente na actual epoca de crise; dellas resulta, quando são uteis, o engrandecimento.

Sem que, portanto, tenhamos a honra de ser deputado provincial, pedimos venia para apresentarmos alguns projectos, que entendemos serem de grande vantagem e urgencia.

Por hoje limitamo-nos á apresentação de um, deixando outros para os numeros seguintes.

Que sejam ou não aceitos, discutidos, votados e sanccionados, é o que não podemos affirmar, porque não depende da nossa vontade sómente: depende da da maioria dos Srs. deputados, sobre quem, desde já, fazemos recair toda a responsabilidade do caso. Comtudo já cumprimos um dever e julgamos prestar um serviço, apresentando-os, para que o povo conheça as reformas mais urgentes que precisamos e que não nos descuidamos de pugnar pela sua causa, cuja pezada tarefa tomámos sobre nossos hombros.

Imaginamos o effeito que vão produzir os nossos projectos no espirito politico da maioria dos Srs. deputados provinciaes, por que conhecemos-lhes *os principios e os fins.*

Uma bomba de dynamite atirada ao edificio da assembléa em occasião de sessão, não lhes produziria maior abalo do que o que lhes vão causar esses projectos.

Tenham, porém, paciencia; nós precisamos satisfazer o nosso programma, — o programma com que nos apresentámos áquelles que nos honraram com suas assignaturas e aos que não nos honraram com as ditas, no intuito de demonstrarmos o quanto são firmes e adoptaveis as nossas idéas e as nossas doutrinas.

Tratemos, portanto, do assumpto:

PROJECTO N. 1

A assembléa provincial resolve:

Artigo 1.° Fica supprimido o imposto de 2 °/ sobre mercadorias importadas por cabotagem, creado pela lei provincial n. 1,087 de 8 de Abril de 1884.

§ unico. Ficam isentos do pagamento do imposto aquelles que ainda o não realisaram, relativo ao exercicio findo, embora tenham sido executados, para esse fim, pelo poder judiciario.

Art. 2.° Revogadas as disposições em contrario.

Sala das sessões d'*A Voz do Povo*, 31 de Julho de 1883. — *A Redacção.*

REUNIÃO POPULAR

Teve lugar ante-hontem no theatro Santa Izabel uma reunião popular, convocada para se fazer conhecido do povo catharinense o relatorio da commissão fiscal da E. F. Pedro I.

O theatro regorgitava de povo de todas as nações e classes.

Com a maior anciedade todos esses espectadores manifestavam o desejo ardente de conhecer circumstanciadamente todos os trechos do relatorio. Não tardou que fosse satisfeita a sua anciedade, porque o Illm. Sr. Elyseu Guilherme da Silva, que presidio a mesa como orador da iniciativa, demonstrou os direitos do povo e a parcialidade com que o Sr. Firmo de Mello elaborou o relatorio, dizendo que este é um attentado aos direitos e brios da provincia de Santa Catharina. O povo victoriou-o com estrepitosos applausos. Em seguida o illustrado e respeitavel Sr. Christovão N. Pires demonstrou as conveniencias da Pedro I, já pelo lado estrategico, já pelo commercial e agricola, e protestou tambem contra o absurdo relatorio da commissão fiscal. Apóz elle, pedio a palavra o nosso redactor-chefe que, n'um laconico exordio, fez sentir aos seus ouvintes que o relatorio do Sr. Firmo de Mello e o acto da supposta rescisão do contracto são um escarneo e um insulto atirado ás faces do povo catharinense e um attentado á dignidade desta provincia.

Orou em seguida o Sr. Emilio Blum, demonstrando o quanto se interessa pelo progresso de Santa Catharina e tambem o quanto lhe repugna o procedimento abominavel da commissão fiscal que nesse relatorio exarou uma opinião *simplesmente* parcial e attentatoria.

Depois deste orador, usou da palavra o illustrado e provecto Dr. Bayma, analysando não só as conveniencias da construcção da Pedro I, como tambem a parcialidade premeditada com que foi elaborado o relatorio em questão.

Tambem proferio algumas palavras o respeitavel e prudente Dr. J. do R. Raposo, discordando do modo porque discorreram os oradores que o precederam.

Apóz esta revelação, que apenas deixou perceber que se devia levar ao conhecimento do governo o descontentamento do povo por meio de maneiras delicadas e prudentes (pannos quentes, como se costuma dizer), continuaram outros oradores a discutir sobre o assumpto e concordando-se no modo porque se devia proceder para que fosse respeitada a autonomia e a dignidade offendida do povo desta provincia.

Decidio-se nomear-se uma commissão para encarregar-se de dirigir *in continenti* á imprensa da côrte telegrammas communicando o occorrido e de levar ao conhecimento do governo este protesto do povo, encarregando ao mesmo tempo a diversos representantes da Nação, no parlamento, e a outros distinctos cidadãos, que têm sido incansaveis pela realisação desta estrada, como o illustrado Sr. José Carlos de Carvalho, de envidarem todos os seus esforços para que o governo, respeitando os interesses desta provincia e os direitos do povo, torne em realidade a unica esperança do povo catharinense, mandando construir a Pedro I.

Terminado este accordo, com o applauso frenetico e enthusiastico de mais de mil pessoas que o presenciáram, decidio-se ir a commissão á palacio pedir a intervenção influenciadora do Exm. Sr. Dr. presidente da provincia, o que se fez, obtendo-se de S. Ex. promessas satisfactorias de tomar a questão na consideração devida.

S. Ex. telegraphou no sentido desejado aos Ministros da Fazenda e da Agricultura.

Então, ahi, em frente a palacio, como no theatro, o povo acalmava-se e cheio de esperanças, pela realisação da Pedro I, bradava: Viva a provincia de Santa Catharina ! vivam os habitantes da provincia ! viva a liberdade !

Assim terminou a reunião.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

×

Agora seja-nos permittido dizer duas palavras.

Entendemos que quando se trata de assumptos desta ordem, antes de se entrar no edificio onde elles se discutem, deve-se derramar do lado exterior delle todo o espirito politico e deixar no esquecimento todas as questões ou paixões partidarias.

Vai a quem toca sem mais commentarios.

O DESTERRO DESPERTA

Em beneficio da propaganda abolicionista dará hoje a distincta sociedade dramatica *Alvaro de Carvalho* um espectaculo com o drama *Os mineiros da desgraça*.

Antes de principiar o espectaculo o nosso amigo Ladislão Herculano de Freitas Guimaraes fará uma conferencia dissertando sobre a *libertação com indemnisação em serviços*.

Concluida a conferencia será congregado o Centro Abolicionista do Desterro que terá por fim libertar esta capital.

Apóz a constituição do centro principiará o espectaculo.

A' porta d'entrada haverá uma salva para receber os donativos que a generosidade dos assistentes conceda.

Terá com certeza bom exito a iniciativa, pois que não é desconhecida a grandeza de coração deste povo.

OS NOSSOS DEPUTADOS

Dizem que castigar-se com assiduidade physicamente as creanças, é tornal-as descaradas; e nós, que tememos que isso vá acontecer aos nossos representantes no parlamento, resolvemos não massacral-os continuamente com nossas costumadas censuras e exigencias, que se lhes tornam certamente um castigo desses — rigoroso.

Entretanto sempre é bom perguntar-lhes se ainda não acharam opportunidade para levantarem suas vozes *sonóras* no parlamento, declarando-se em auxilio da questão do imposto interprovincial de 2 °/₀, aventada pelos negociantes desta praça ?...

Opportunidade tem elles sempre; o que não tem é força de vontade, mormente para se occuparem deste assumpto, cuja causa foi originada na ultima legislatura da assembléa provincial pela maioria dos deputados do mesmo partido que tambem os elegeu.

E' logico, portanto, o seu procedimento perante o espirito partidario; só o não é perante a missão nobre de que se incumbiram: — a de advogar a causa do povo.

AINDA O TABOLEIRO

Em data de 23 do mez p. findo communicou-nos um nosso particular amigo que soube de um amicissimo do ministro da agricultura que este estivera conferenciando com o da marinha sobre a questão do taboleiro do nosso porto, em virtude dos meios faceis de desobstruil-o, apontados e descriminados pelos artigos desta redacção, ignorando ainda o resultado dessa conferencia.

Duvidamos dessa nova; mas como o pote tantas vezes vai a fonte até que quebra a aza, é muito natural e provavel que os dois ministros, capacitados de que a desobstrucção do taboleiro consegue-se, como temos indicado, sem quasi onus para o estado, tomassem a resolução de nos dotar com este grande melhoramento.

Custa a acreditar, mas..... diremos como Lafayette: *póde ser que sim, póde ser que não*.

Veremos.

O COLLEGA DO *CONSERVADOR*

O nosso distincto collega do *Conservador*, em seu numero de 28 do mez p. findo, talvez no intuito de demonstrar aos seus correligionarios que são elevados os vencimentos dos presidentes de republicas, no que peccou, se teve tal intenção, noticiou que os ordenados do presidente da republica dos Estados-Unidos, *in totum*, sobem a 600:000$, de nossa moeda.

Acreditamos que o collega não se excedesse no *quantum* dos vencimentos do presidente dessa republica; mas o que elle não póde negar é que esqueceu-se de demonstrar que afóra esses vencimentos, que só a elle cabem, nenhuns outros pódem perceber a mulher e os filhos; facto que não se dá no Brazil, como em outros paizes monarchicos, onde só o monarcha percebe maiores vencimentos do que um presidente de republica, afóra os da mulher do monarcha, os dos filhos do monarcha, os dos netos do monarcha, etc., que são enormissimos.

Já vê o collega que um monarcha e a familia, sem enumerar dotes e privilegios absurdos, de que lhes provém avultados interesses, ficam muito mais caros a um paiz do que um presidente de republica, cuja familia não percebe vencimentos alguns.

Vão fazendo estas deducções.

O PAIZ

Lendo um dos ultimos numeros d'*O Paiz*, recebidos pelo ultimo vapor que aqui aportou, procedente da côrte, nelle deparamos com a transcripção de um dos artigos que, sob a epygraphe *O taboleiro*, esta redacção tem publicado.

E' mais um pharol que vem radiante de luz em prol da causa do progresso desta provincia e um astro luminoso que, com seus raios de luz, influirá no espirito trévoso dos homens que governam, recordando-lhes o indifferentismo condemnavel que nos votam.

Oxalá sejam coroados os esforços do illustrado collega.

Pela nossa parte e em nome do povo sensato de Santa Catharina, agradecemos aos inclitos e illustrados Srs. Commendador J. J. dos Reis Junior e Quintino Bocayuva, aquelle proprietario e este redactor em chefe desse conceituado jornal, a honra que nos fizeram, transcrevendo um dos nossos mal elaborados e despretenciosos artigos, e a parte activa que tomam nas questões mais palpitantes do progresso deste canto do sul do imperio, tão uberrimo, pittoresco e encantador e tão abandonado pelo governo geral.

Camara dos deputados

DISCURSO PROFERIDO NA SESSÃO DE 11 DE JUNHO DE 1885.

O Sr. Campos Salles (*continuando*): — Collocado assim o magistrado nesta relação de completa dependencia para com o governo geral, entretanto a lei eleitoral o investiu das mais amplas attribuições. E' assim que compete ao magistrado fazer o alistamento dos eleitores, base principal de todo o movimento eleitoral: é no alistamento que os partidos preparam a victoria ou a derrota das urnas.

Além disto, o magistrado ainda preside ás juntas apuradoras, onde tem voto decisivo: e nós sabemos, por experiencia propria, ainda agora confirmada quando se tratou de verificar os poderes dos actuaes deputados, quanto esta attribuição póde influir nos resultados eleitoraes. As juntas apuradoras podem organisar, si o quizerem e si combinarem para isso um plano, uma maioria occasional nesta casa, que mais tarde se poderá converter em maioria definitiva.

O Sr. Duarte de Azevedo: — Mas onde está o remedio ?

O Sr. Campos Salles: — Eis ahi: — o remedio está exactamente em uma nova constituição do poder judicial.

O Sr. Padua Fleury: — A ultima eleição provou o contrario do que V. Ex. está dizendo.

O Sr. Campos Salles: — Perdoe-me; não provou o contrario.

O Sr. Padua Fleury dá outro aparte.

O Sr. Campos Salles: — Um exemplo não basta; chegarei a este ponto.

Accresce a isto, Sr. presidente, a influencia que póde exercer o magistrado na circumscripção territorial da sua jurisdicção, onde todos os interesses, desde os mais insignificantes até os mais importantes, estão sujeitos á sua decisão, ao seu julgamento.

Combinem-se todos esses elementos, e eu pergunto: é ou não verdade que a magistratura ainda póde ser convertida em uma poderosissima arma de compressão nas mãos do governo geral ?

Por outro lado a policia. O presidente de provincia e o chefe de policia organizam o exercito policial á vontade e discricionariamente. São delegados do governo central; o que quer dizer que na provincia representem a sua politica representam os seus interesses, representam até as suas paixões. Por consequencia esses funccionarios, em momento opportuno, hão de fazer mover esse machinismo, que está entregue á sua direcção, de accôrdo com os interesses e as paixões do gabinete de que são delegados.

O Sr. Andrade Figueira: — A policia hoje não tem nenhuma influencia em eleições; está até desarmada.

O Sr. Campos Salles: — Perdoe-me; não está desarmada.

Um Sr. Deputado: — Não faz prisões.

O Sr. Campos Salles: — Faz prisões da mesma maneira que outr'ora, apenas com mais uma formalidade; os proprios liberaes diziam isto quando criticavam a reforma conservadora. Esta força não está desarmada: o machinismo é o mesmo.

O Sr. Andrade Figueira: — Lá no Pará e em um ou outro ponto ainda a policia faz alguma cousa; mas isto mesmo ha de cessar desde que haja magistrados. (*Ha outros apartes*).

O Sr. Campos Salles: — Os empregados publicos, por outro lado, ou são geraes, e neste caso estão na dependencia directa do governo central; ou são provinciaes, e neste caso estão na dependencia directa dos presidentes de provincia, que por sua vez são delegados do governo geral.

O Sr. Satyro Dias: — Os empregados publicos, em geral, votam com muita independencia. (*Apoiados e outros apartes.*)

O Sr. Campos Salles: — Os nobres deputados estão se referindo a eleições feitas agora; e eu estou fazendo a critica da lei como ella póde ser executada por um governo qualquer.

Não estou dizendo que nestas eleições ultimamente feitas empregaram-se estes recursos.

O Sr. Eufrasio Correia: — Empregaram-se, póde affirmar. (*Não apoiados e outros apartes.*)

O Sr. Campos Salles: — O meu pensamento é este.

Não estou apreciando os factos, estou fazendo a critica da nossa organisação eleitoral, estou mostrando que, tal como se acha actualmente, ella ainda se presta a muitos abusos, ás violencias e corrupções.

Assim, Sr. presidente, desde que o mecanismo é o mesmo, desde que esses apparelhos existem inteiros, porque não foi quebrada uma só das suas molas, é clara, é evidente que o governo, hoje como outr'ora, póde transmittir a sua vontade ás assembléas eleitoraes das parochias mais remotas do Imperio, por essa mesma cadêa ininterrompida, constituida pela centralisação e por ella mantida até hoje.

O nobre presidente do conselho, referindo-se á sua reforma, disse que é possivel ainda haver abuso, mas sómente quando quizerem os partidos, quando elles estiverem tão corrompidos que desçam á pratica desses abusos.

(*Continúa.*)

Typ. de J. J. Lopes, rua da Trindade n. 2

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina